Ano XIX — Lisboa, Abril de 1963 — N.º 216

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

FRATERNIDADE

O problema é velho como o homem, mas merece a pena recordá-lo neste Dia do Escoteiro. A Bíblia coloca-o nos primórdios da humanidade, expresso na resposta inquieta de Caim, que, inquirido por Deus acerca de Abel, balbucia: *Acaso sou eu o guarda de meu irmão?* O homicida procurava eximir-se à responsabilidade perante a sorte de seu irmão, alegando que nada tinha a ver com a sua vida. Esta mesma atitude tem sido assumida através da história por todos que têm pretendido ignorar os seus deveres para com o vizinho, para com o subordinado, para com o superior, numa palavra para com o homem. Mas importa afirmar que, sendo o homem um ser eminentemente social, cujo progresso, bem-estar e felicidade dependem do esforço colectivo, do trabalho comum, ele não poderá honestamente ignorar seu irmão, nem desinteressar-se dos seus problemas.

Estas considerações foram-nos sugeridas pelas palavras de um jovem registadas no «Diário de Lisboa Juvenil», feliz suplemento semanal dado à publicidade pelo prestigioso vespertino. Tratava-se de um rapaz de 18 anos — um jovem ao acaso — que manifestava a sua inquietude perante factos presenciados numa curta viagem pelo norte do país, onde lhe fora dada oportunidade de tomar contacto com pungentes realidades da vida rural, deficientíssimas condições de habitação, carências alimentares, crianças mal nutridas e, angustiado, exclamava: *Não tem explicação o isolamento, a solidão, o abandono, o «estar entregue à sua sorte»...*

Mas este moço não se limitava a carpir desgraças e a chorar desditas. Apesar da sua juventude, tendo sido confrontado com o problema, sentia-o em toda a sua extensão e estava ali por imperativo de consciência a proclamar que urgia realizar um esforço colectivo para o solucionar. Logo que o jornalista, avisadamente, lhe perguntou o que seria preciso fazer, expôs um pensamento ordenado: *Fomento industrial, modernização da agricultura, melhores condições de vida para evitar o enfraquecimento da raça, uma campanha através de todas as entidades, organizações oficiais e particulares (incluindo a Ca-*

——→

Assinantes Patrocinadores

Corresponderam ao nosso apelo e inscreveram-se como Assinantes Patrocinadores os dedicados amigos e leitores Srs:

Amílcar Fernandes, antigo chefe do Grupo 81, de Chelas;

Armando Champlon, antigo escoteiro do Grupo 115;

Jaime A. Assis, antigo escoteiro residente na Beira, em Moçambique;

Wolfgang Karl, antigo escoteiro do Grupo 16, de Carcavelos.

Esperamos novos amigos que desejem patrocinar «SemprePronto».

CANTINHO DOS MAIS NOVOS

O Escotismo não favorece nem prejudica a vida escolar, completa-a pura e simplesmente — afirma o Sr. Dr. Calvet de Magalhães, Ilustre Professor e Director da Escola Técnica Elementar de Francisco Arruda

O «Cantinho dos mais Novos» muda-se hoje para a primeira página. É que os nossos mais jovens jornalistas conseguiram um autêntico êxito: Uma entrevista com o ilustre professor Sr. Dr. Manuel Maria de Sousa Calvet de Magalhães, que lhes fez interessantes afirmações acerca do Escotismo. O Luís Filipe Gomes, o nosso já conhecido Repórter Juvenil, aluno da Escola Francisco Arruda, na companhia dou-



O Sr. Dr. Calvet de Magalhães conversando com os nossos redactores juvenis

FRATERNIDADE

ritas), organismos católicos, de estudantes e todas as demais para socorro imediato aos milhares e milhares de crianças, de velhos, de doentes, que por esse Portugal fora sofrem as inclemências do Inverno mais rigoroso. (...) É tempo que nos lembremos da NOSSA gente, dos NOSSOS meninos, dos NOSSOS doentes!

Admirável espírito de solidariedade! Este jovem sente-se ligado à sorte dos seus semelhantes e o sofrimento alheio dilacera-lhe a alma. Aquela gente, aqueles meninos, aqueles doentes, não é uma gente qualquer, não são estranhos desamparados, mas é a NOSSA gente, são os NOSSOS meninos, os NOSSOS doentes, aqueles a quem amamos e por cujo bem estar temos o dever de olhar com o maior interesse e carinho.

O apelo do rapaz não terá sido certamente escutado. Andam todos demasiadamente ocupados com negócios e interesses pessoais para que se possa dispensar um minuto de atenção às desventuras alheias. No entanto, importa afirmar com veemência que ele expressou um sentimento indispensável à existência da própria nacionalidade. Sem este sentido de fraternidade, de responsabilidade colectiva e solidária, de interesse por tudo o que à vida pátria diz respeito não há, não pode haver, nacionalidade. Uma nação só existe na medida em que os seus membros se sintam ligados por interesses e anseios comuns. Se os membros de um país vivem indiferentes aos problemas da sua pátria, se se desinteressam da sorte dos seus concidadãos, se pensam ùnicamente em gozar a sua vida pessoal, no *salve-se quem puder*, nunca poderão constituir uma comunidade, serão apenas uma horda.

Importa pois desenvolver na mocidade este sentimento de solidariedade profunda, para que os Portugueses tenham a consciência de que só poderão sentir-se perfeitamente felizes se, olhando em sua volta, lhes for dada a satisfação de encontrar corações alegres e rostos sadios. A educação escoteira visa formar caracteres que sintam este anseio de fraternidade, descobrindo no espírito de serviço a vocação das suas vidas, sabendo que a acção profissional deve visar primeiramente o bem comum, a prosperidade colectiva, e só depois o interesse pessoal. É a inversão dos valores supremos da vida que tem conduzido os povos ao estado de desespero em que se debatem, num mundo onde tudo sobra e simultâneamente tudo falta.

Assinantes de Moçambique

Em virtude de se encontrar suspenso o serviço de cobranças postais para Moçambique e ainda porque o serviço de cobrança dentro da província fica muito dispendioso, pedimos com muito interesse a todos os nossos assinantes aí residentes o favor de remeterem a quantia de Esc. — 30$00 da quota anual para o nosso Delegado, cujo endereço é:

ALFREDO BANDEIRA RODRIGUES
Lusalite — Dondo — Beira
MOÇAMBIQUE

CANTINHO DOS MAIS NOVOS

tro nosso jovem colaborador, o Rui Horácio Filipe Macedo, filho do nosso Administrador, resolveram solicitar aquela entrevista. O Sr. Dr. Calvet de Magalhães, mestre que se tem destacado nos meios educativos pela adopção dos mais eficientes métodos, e pelo seu notável senso pedagógico, acolheu os dois jovens com a maior simpatia e prontificou-se imediatamente a responder às perguntas que lhe quiseram formular. E começou assim a entrevista:

— Tivemos conhecimento, Senhor Director, de que V. Ex.ª é Antigo Escoteiro e, por isso viemos com o propósito de lhe pedir o favor de algumas palavras para o nosso Jornal, o «Sempre Pronto». Poderá dizer-nos em que Grupo foi Escoteiro e a que patrulha pertenceu?

— O Grupo já não me recordo qual era. Apenas me recordo que pertencia à Patrulha Gazela.

— E onde ficava situada a sede onde exerceu a sua vida Escotista?

— Em África, Lourenço Marques, na Avenida da Polana.

— Importar-se-á de nos contar a passos largos qual foi a sua vida escoteira?

— A minha vida escoteira foi de seis anos. Tirei as insígnias de cozinheiro e de encadernador. Tomei parte num Jambori de Pretória, no qual também esteve Baden-Powell. Nesse mesmo Jambori realizou-se um concurso de cozinha, no qual participaram 700 escoteiros. Eu fiquei em sexto lugar. Realizou-se também um concurso de encadernação, no qual fiquei classificado em 52.º lugar.

«Estive também no Quénia, na casa onde B. P. teve a ideia de fundar o Movimento Escotista.

— Poderá dizer-nos qual é a sua opinião sobre o método escotista?

— Penso que o método é dos melhores e indispensável numa educação integral.

— Acha V. Ex.ª que o Escotismo prejudique a vida escolar ou se, pelo contrário, a favorece?

— Penso, que nem a favorece nem a prejudica completa-a pura e simplesmente.

— E, para finalizar, gostaríamos de ouvir do Sr. Director algumas palavras dirigidas aos leitores do nosso jornal e a todos os Escoteiros que evidentemente o lêem.

— Pode esperar-se que o Movimento aumente de adeptos e que empreenda mais larga acção no seu útil aspecto educativo. A base do Escotismo é a pedagogia do carácter, que infelizmente não está compreendida nos programas escolares de forma a dar-lhe eficiência.

— E agora, Senhor Director, resta-nos agradecer não só em nosso nome como também em nome do «Sempre Pronto» as suas palavras. Temos a certeza de que todos os Escoteiros ao lê-las compreenderão que são sinceras e lhe agradecerão. Em nome de todo o Escotismo Português mais uma vez muito e muito obrigado.

LOBO NEGRO E LOBO CINZENTO

Serão jovens da fibra de *um jovem ao acaso* do «Diário de Lisboa Juvenil», capazes de olhar os seus companheiros, os seus vizinhos, os seus patrícios, e dizer sinceramente a NOSSA GENTE, os NOSSOS meninos, os NOSSOS irmãos, quem será capaz de lutar e esforçadamente resolver os grandes problemas nacionais, aqueles que poderão trazer a felicidade a todos os Portugueses.

Que neste Dia de S. Jorge, os Escoteiros Portugueses ao renovarem a promessa de prosseguir na luta contra o Dragão, saibam que a melhor forma de combater o Mal é promover o Bem. Grandes oportunidades de bem-fazer esperam os novos. Esta é a sua hora! Que esteja cada um sempre pronto a cumprir o seu dever.

Este número foi visado pela Comissão de Censura



A Honra de Portugal

Quando António Lacerda chegou à habitual reunião do grupo, foi assediado pelos escoteiros. Todos queriam que ele, instrutor, lhes contasse um episódio da nossa História.

António Lacerda, investigador incansável, sorrindo nas dificuldades, conhecia muitos factos curiosos passados nos oito séculos da existência de Portugal. E nunca frustrava a expectativa dos rapazes...

— Senhor Lacerda, conte nos uma história. O senhor sabe tantas... Certamente que ainda não contou todas — observou um dos escoteiros, o Jaime.

— Pois claro está que lhes vou contar uma história, e pouco conhecida. Trago até aqui uns apontamentos, que copiei há pouco tempo. Ora ouçam.

Fez-se silêncio. Poderia ouvir-se o esvoaçar de um insecto. Todos os rapazes estavam suspensos das palavras de António Lacerda.

— Como sabem, um dos comandantes alemães durante a primeira Grande Guerra foi o marechal Hindenburgo, figura militar de extraordinário valor que chegou, anos depois, a alcançar o lugar de Presidente da República do seu país. Ora, Hindenburgo publicou um livro intitulado *Aus meinem Leben*, que, em português, significa *Da minha vida*, no qual fez afirmações inexactas sobre o comportamento dos portugueses na batalha do 9 de Abril. Então, um modesto oficial português do Grupo de Baterias a Cavalo, aquartelado em Queluz, capitão Nuno Álvaro Brandão Antunes, que havia feito parte do Corpo Expedicionário Português (abreviadamente, C. E. P.), impressionado pelas referências injustas do marechal, escreveu-lhe uma carta, rebatendo tais afirmações.

— E Hindenburgo, que fez? — perguntou o Ernesto.

— Não sejas apressado. A carta do oficial português vem publicada no jornal «O Mundo», de 9 de Fevereiro de 1924. Tomei nota das passagens mais importantes da carta. Ouçam-me bem e guardem nos vossos corações os termos impressionantes com que foi escrita...

Assim falando, o instrutor tirou da pasta um papel que leu:

* * *

«Portugal, Queluz, 20 de Novembro de 1923.

«Exm.º Senhor Marechal Hindenburgo.

«Sobre todos os campos de batalha e no coração de cada combatente, um sentimento sobreleva sempre todas as razões políticas ou de interesses e todos os ódios. É o sentimento da justiça para com o inimigo. Não há juiz com maior preocupação de justiça do que aquele que combate. Apesar de todos estes bons desejos quantas vezes, no entanto, pelo calor da luta ou pelo desconhecimento de algumas circunstâncias de momento, se é injusto. Mas quando se apresenta uma ocasião de reconsiderar sobre o primeiro julgamento e de o rectificar, não há um único combatente que não se considere muito feliz por ilibar do seu inimigo a honra que lhe havia calcado aos pés. Porquê todas estas preocupações de justiça, perguntar-se-ão todos aqueles que não as compreendem?! Porque os exércitos que se digladiam procuram sempre vencer o inimigo mas nunca desonrá-lo, porque, conseguindo-o, desonrar-se-iam a si próprios. É que em todos os exércitos uma religião plana acima de todas as paixões — é a religião do dever, da honra e da bravura. Sem esta religião, a vida de um exército tornar-se-ia impossível e sem esta possibilidade de vida, o país que ele personificasse não poderia existir.

«Tendo lido o vosso livro *Aus meinem Leben* notei em todas as suas passagens um vivo desejo de serdes justo ao mesmo tempo que um ardente amor da Pátria. Encontrei passagens que não foram escritas segundo observações pessoais mas segundo relatórios fornecidos pelos comandantes das unidades empenhadas na luta. Estes relatórios, escritos muitas vezes sob a impressão da luta, foram, por vezes, ainda que involuntàriamente, defeituosos. E as vossas memórias, escritas em Setembro de 1919, sofreram essa influência, apesar de todos os vossos bons desejos. De todas as passagens há uma que determina estas linhas. Trata-se da descrição da batalha do Lys onde, falando da conduta das tropas portuguesas, dizeis:

«*No dia 9 de Abril aniversário da grande batalha de Arras.*

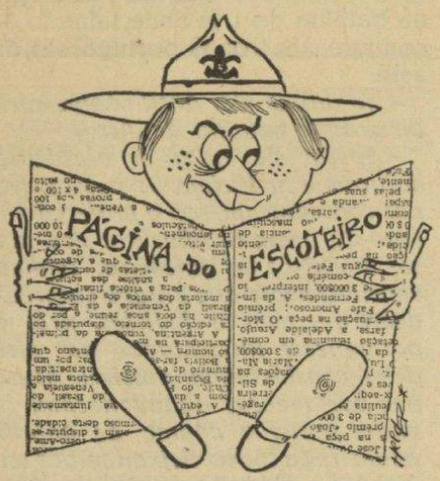
«*Apesar de todos os obstáculos naturais e artificiais, as nossas tropas conseguiram, sob a protecção do fogo da nossa artilharia e dos nossos morteiros de trincheira, realizar vitoriosamente este ataque surpreendente que nem os ingleses, nem os portugueses intercalados no meio deles, consideravam possível. As tropas portuguesas abandonaram, na maior parte, o campo de batalha numa fuga louca deixando aos seus aliados o cuidado de nos combater.*

É a rectificação destas linhas, em face dos relatórios, que tenho a honra de submeter à vossa apreciação, que ouso pedir-vos em nome de justiça devida ao adversário de ontem e da religião dos exércitos. Tratando-se de uma *démarche* absolutamente particular, peço-vos que me perdoeis a ousadia e o ter esquecido a diferença de situações entre nós, tendo, como desculpa, o amor da Pátria que me leva a fazê-la. Em primeiro lugar é preciso pôr-vos ao corrente da verdadeira situação e das condições das tropas portuguesas no dia 9 de Abril de 1918. Todas as informações que vão seguir são extraídas dos relatos oficiais publicados por S. Ex.ª o Sr. General Gomes da Costa, comandante da 2.ª Divisão Portuguesa, que estava nas linhas em 9 de Abril de 1918.»

— Depois, — explicou António Lacerda — o capitão Brandão Antunes extraiu partes dos relatórios e fez as suas conclusões, que seria fastidioso reproduzir. A última era de que a divisão portuguesa perdera 7 500 homens, dos quais 327 oficiais, isto é, mais de 40 % do seu efectivo total e mais de 60 % dos efectivos em linha. Terminadas estas conclusões, o autor da carta disse:

«E se pensarmos que estas tropas, enfraquecidas e sem reforços, não tinham sequer a força moral dada pela aldeia natal à retaguarda das linhas a defender, não se pode negar que a 2.ª divisão portuguesa, longe de haver abandonado o campo de batalha numa fuga louca, lutou com bravura. E, apesar de tudo o que se passou, apesar do esgotamento das forças portuguesas, a nossa artilharia voltou para a frente no começo do mês de Maio a aí se manteve até ao fim da guerra. Porque foi, então, que a divisão portuguesa lutou, em tão desgraçadas circunstâncias, até perder mais de 60 % dos seus efectivos? Porque nas veias daqueles pequenos soldados corre ainda o sangue dos que des-

Pág. 6 ——→



Meu caro Escoteiro:

Tenho muito prazer em te dar a explicação solicitada. Não deves estranhar o facto de não poderes usar insígnias de aptidão enquanto não tiveres a segunda classe. É que um Escoteiro não se encontra apto enquanto não conquista este lugar. A terceira classe é constituída pelas provas de patatenra, o menos que se pode exigir do aspirante para que seja admitido à prestação da Promessa. Um escoteiro que dentro de seis meses não faz brilhar no seu braço a insígnia sempre pronto *continua um PATATENRA. E um patatenra não tem direito a insígnia de aptidão porque não é ainda um* sempre pronto. *Procura o teu Guia, pede a sua cooperação, e presta quanto antes as tuas provas de segunda classe. Depois é que chegou a altura de conquistar insígnias de aptidão ao mesmo tempo que te preparas para a primeira classe.*

Vamos ao trabalho! Tu não és patatenra!

* * *

Não meu amigo, não é necessário fazer acta de todas as reuniões de patrulha. Quando a Patrulha reúne em Conselho, isto é para deliberar acerca de programas, de disciplina, de eleição de cargos, etc., então é que deve ser feita a respectiva Acta, trabalho que cabe ao Secretário.

E continuo à tua disposição. Um abraço do

LOBO VELHO

A VIDA DE BADEN-POWELL



Biografia compilada pelos escoteiros Luís Filipe Gomes e Rui Horácio Macedo e dedicada a escoteiros da 2.ª classe.

Robert Stephenson Smith Baden-Powell nasceu em Londres a 22 de Fevereiro de 1857. Seu pai era chefe de uma família numerosa, membro da Royal Society e professor de geometria da Universidade de Oxford, sendo considerado uma grande autoridade nos meios científicos. Era também pastor evangélico, ministrando ainda na Universidade de Oxford a cadeira de teologia.

Os seus irmãos fizeram os primeiros estudos à sombra desse sábio, entre óculos astronómicos e traçados de geometria. O professor Rev. H. G. Baden-Powell faleceu quando B. P. tinha apenas três anos de idade.

Aos treze anos, Ste (abreviatura de Stephenson) deixou os irmãos (eram dez ao todo) para entrar no Colégio Charterhouse no sudoeste de Inglaterra. As suas classificações escolares não passavam da média, mas era um rapaz cheio de bom humor e artisticamente bem dotado, o que conquistava muitas simpatias. Uma das suas habilidades era executar ao mesmo tempo com a mão direita e a mão esquerda dois desenhos diferentes em duas folhas de papel.

Um dia, durante uma representação na sala de festas do colégio, faltou um actor. Ste subiu ao palco e fez uma série de imitações da vida escolar. Felizmente que o professor de francês não estava presente. A sua mímica era irresistível e os rapazes riram perdidamente.

Em Charterhouse, o rapaz passava por ser original. É que nessa época pouca importância se ligava à natureza. Os alunos dos colégios — principalmente os mais velhos — não estavam autorizados a sair para o campo nem a gozar os benefícios do ar livre. Foi Baden Powell quem, antes de qualquer outro, inventou o campismo.

———→

A LENDA DE S. JORGE

Já se passaram alguns anos desde que ao crepitar do fogo do conselho, precisamente naquela noite de sábado 23 de Abril, o meu Chefe, que me parecia um gigante iluminado pela luz brilhante das chamas, narrou, aos meus ouvidos, pela primeira vez a história mais bela que escutei na minha infância.

Aconchegando-me melhor no cobertor, porque um ventinho frio fazia-se sentir, comecei a ser transportado ao tempo em que os animais falavam, através da voz forte e sonora do grande Velho Lobo.

* * *

«...e aquele país vivia feliz. Ora um dia começaram a chegar notícias de que um grande flagelo ameaçava os reinos vizinhos.

Tratava-se, segundo se dizia, de um enorme dragão, que tudo devorava. O rei mandou imediatamente recolher, dentro das muralhas da cidade, todo o povo, animais e alimentos, para se defenderem do tenebroso animal.

Durou pouco o sossego daquela gente. Numa manhã pardacenta, com o céu coberto de pesadas nuvens de trovoada, apareceu às portas da cidade, deitando chamas pela enorme bocarra e esgatanhando o chão à sua passagem, o enorme dragão, horrendo e tenebroso.

Em altos berros, exigia comida para o seu estômago insaciável, ameaçando tudo destruir se não lhe satisfizessem os desejos.

Reunindo os seus conselheiros, perguntou o rei o que se havia de fazer. Matar a fera era impossível, ninguém teria coragem de a enfrentar.

Decidiram, pois, saciar o dragão, enviando-lhe o cereal armazenado. Parece que o bicho gostou, pois em pouco tempo desapareceram, engulidas pelo seu apetite voraz, todas as reservas existentes. Depois, seguiram-se as ovelhas, os bois, os cavalos, os gatos, os cães, enfim todos os animais, mas nem mesmo assim o maléfico e destruidor dragão deixou em paz os pobres sitiados.

Como lhe faltasse o alimento, começou novamente a ameaçar destruir, num repente, toda a cidade, incluindo as vidas humanas.

De novo voltaram os conselheiros a reunir, e ao fim de algum tempo de considerações, resolveram enviar todos os dias à besta-fera uma vítima humana, tirada à sorte entre todos os habitantes, incluindo a nobreza.

O sanguinário dragão lambeu a bocarra de prazer depois de devorar o primeiro que a sorte escolhera e lá foi para o covil dormir em altos roncos até ao manjar seguinte.

A situação tornara-se deveras aflitiva, pois, todos os dias, o ameaçador, aparecia reclamando ofensivamente a sua carne.

Certa vez, a sorte tirada, caiu na filha do rei, a princesinha Virtude, de dezoito lindas primaveras. Toda a corte e todo o povo se opôs a que se mandasse a princesa, mas o rei, embora cheio de mágoa e com o coração despedaçado, não consentiu que ninguém fosse trocado pela princesa — a sorte a escolhera e teria de partir.

No outro dia, muito cedinho, ainda o Sol não despertara no horizonte, saiu a princesinha Virtude do paço real para os domínios do dragão.

Vestia de branco, qual noiva que vai para o altar e, enquanto se encaminhava para o campo, ao local do suplício, as suas faces

———→

A LENDA DE S. JORGE

tão mimosas eram banhadas por lágrimas que teimosamente lhe saltavam dos lindos olhos.

O dragão ressonava ainda. De súbito, ouviu a princesa o tropel de um cavalo e viu surgir a pequena distância um cavaleiro de armadura dourada, de grande lança, que se acercou dela e, ao contemplá-la, perguntou com o coração enternecido:

— Porque chorais, linda donzela?

Com espanto ouviu então o triste relato do que estava acontecendo naquela cidade e o que iria suceder à linda Virtude.

— Nada temeis, princesinha, eu salvos-vos-ei.

Mal acabara de proferir aquelas palavras de tranquilidade, eis que surge a maléfica fera, que notando algo de estranho e prevendo ser atacada, logo arremeteu furiosa, escumando de raiva, lançando da bocarra fogo e impropérios contra o cavaleiro.

Mas o cavaleiro era um valente guerreiro, sempre pronto a enfrentar o Mal e a lutar até ao fim pela causa do Bem, e por isso não se amedrontou. Firmou a sua lança e atacou de surpresa o dragão, que ao sentir-se ferido dava roncos que atordoavam os ares.

Foi uma luta titânica e de grande duração. Finalmente, num esforço supremo, conseguiu espetar-lhe a lança na garganta, ponto vital da fera, e assim acabou o flagelo destruidor.

Nas muralhas da cidade, todos assistiam aquela luta desigual e, quando esta terminou, grandes vivas ecoaram em louvor do desconhecido.

O cavaleiro tomou a princesa pela mão e conduziu-a para o palácio. Ia roto, ferido e sangrando abundantemente, mas contente e feliz por ter morto o Dragão do Mal.

Apesar da hora de luto que atrevessavam, grandes festejos se fizeram em honra do valente salvador daquele reino e, para culminar a sua bravura, o rei concedeu-lhe a mão da Princesa.

— Muito me honrais, senhor, concedendo-me vossa filha para esposa, mas só posso aceitar tal dignidade depois de haver cumprido a minha missão—fazer desaparecer o Mal da face da Terra. Só então poderei voltar.

E lá partiu, no seu fogoso corcel branco, a enfrentar o mal, deixando no coração da formosa Virtude uma onda de saudade. O Rei ainda lhe perguntou qual era o seu nome. Ele disse apenas — Jorge — e desapareceu.

* * *

Isto aconteceu há muitos anos.

O Cavaleiro S. Jorge ainda não desposou a Princesa porque o mal continua abundante. Ele é o nosso Patrono, o Bem, os escoteiros são os cavaleiros modernos que pertencem ao seu séquito e o ajudam no combate, para que ele possa regressar e cumprir a sua promessa.

Devemos auxiliar S. Jorge a dominar o Dragão, isto é, o Mal, mas só o conseguiremos empregando uma arma muito poderosa—o Bem.

Cada um de vós, deve ser um portador de paz, de bondade e um *sempre pronto* no auxílio do Próximo».

* * *

Quando extintas as chamas da fogueira entrei na tenda, depressa adormeci e sonhei. Lá ia eu cavalgando um rápido corcel e vestindo uma armadura reluzente, na pista de S. Jorge.

Passaram-se realmente muitos anos, mas sinto-me muito feliz quando faço uma B. A. e sempre que a pratico lembro-me que S. Jorge ainda conta comigo para alcançar a sua Virtude.

Procede tu de igual forma, irmão escoteiro.

PATA DE LOBO

A VIDA DE BADEN-POWELL

Durante as férias, quando não saía para o mar, partia a pé, de calções, casaco ao ombro, e dormia ao ar livre, com grande espanto da gente do campo.

O dia 11 de Dezembro de 1876—tinha então B. P. 19 anos—ficou marcado com pedra branca. Nesse dia alcançou o diploma da escola militar, foi promovido a alferes e colocado no 13.º regimento de Hussardos, no exército da Índia. Isso significava para o nosso rapaz uma vida cheia de atractivos. Assim o jovem B. P. se tornou célebre nas quatro artes cultivadas no seu regimento: o jogo do polo, a caça, a pacificação dos rebeldes do Afeganistão e a vida de sociedade.

Em companhia de encantadoras raparigas da colónia inglesa, B. P. cantava, toca, pintava e escrevia o seu livro de recordações da Índia. No tempo que lhe ficava livre de tantas e tão variadas ocupações, aprendia o hindustânico, o persa e o francês. Pormenor a reter: nas cartas que escrevia a sua mãe nunca pedia dinheiro, o que demonstrava já o seu espírito de economia. Quando o nomearam instrutor de tiro, B. P. escandalizou os superiores com as suas ideias novas. Na opinião desses superiores, o militar não pertencia à raça humana, mas sim à dos autómatos. Ora o nosso instrutor recusava-se a considerar os seus homens como máquinas e, durante as manobras, gritava-lhes: — Pensem, que diabo! Para que lhes serve a cabeça?

(Continua no próximo número)

CONCURSO DO MÊS

Reserva nos autocarros

Nos autocarros de passageiros há sempre dois lugares reservados, que se destinam a inválidos, doentes, pessoas idosas, senhoras grávidas, etc. Estes lugares estão devidamente assinalados para que quem neles viaje saiba que tem de ceder o lugar se entrar alguém naquelas condições.

Pergunta-se: Quais são os lugares que o Escoteiro deve ceder, se viaja sentado, quando entrar no transporte público alguma pessoa nas circunstâncias acima citadas?

* * *

Citaremos o nome de todos os Leitores que nos mandem a resposta certa e ofereceremos uma pequena lembrança.

Oração de Encerramento de Gilwell

Dá-nos, Senhor, a força de aceitar com serenidade as coisas que não possam ser modificadas; dai-nos o valor de mudar as coisas que devem ser mudadas, e dá-nos sobretudo a sabedoria de saber distinguir umas das outras.

MARCO DO CORREIO

A propósito da resposta inserta no último número, um dedicado leitor esclarece que «Olímpia», onde se realizou o 1.º Jamboree, é um grande pavilhão em Londres, local destinado a exposições e festas. Da forma como foi escrita a resposta poderia parecer que Olímpia era o nome de alguma terra. Foi, portanto, em Londres que se realizou a primeira concentração mundial de escoteiros.

«Diário de Lisboa»

Passou no dia 7 do corrente mês de Abril o 42.º aniversário do importante jornal «Diário de Lisboa».

Porque se trata de uma tribuna que ao Escotismo tem dedicado um carinho muito especial, não queremos deixar passar esta data sem fazer votos sinceros de que o conceituado órgão de imprensa possa continuar, por longos anos, a missão a que se tem devotado, sempre com o equilíbrio e clarividência até aqui demonstrados.

A todos quantos nele trabalham, exprimimos a nossa simpatia com os desejos de muitas felicidades e longa vida.

* * *

Aproveitando este ensejo, registamos nestas colunas o agrado que nos causa a leitura de «Juvenil», suplemento que regularmente acompanha o «Diário de Lisboa».

«Juvenil» é uma excelente publicação, agora remodelada, onde semanalmente são insertos interessantes trabalhos de gente nova, de apreciável nível literário, curiosas entrevistas com jovens estudantes onde se produzem afirmações de inegável merecimento, que nos dão a garantia de que a Pátria tem, na juventude de hoje, a certeza de uma progressiva continuidade.

Felicitamos o «Diário de Lisboa» por esta realização, que reputamos única no jornalismo português.

A Honra de Portugal

← Pág. 3

cobriram os mares, que conquistaram a África e as Indias; o sangue que desde muitos séculos tem sido vertido no mundo inteiro; o sangue daqueles soldados de que o imperador Napoleão dizia: *Se todos os meus soldados fossem como estes, eu conquistaria o mundo inteiro.* Vós direis, Senhor Marechal, que os 7 500 homens não foram todos mortos, mas alguns feitos prisioneiros. Responder-vos-ei com palavras que atribuís ao vosso imperador: *É por vezes aquele que combate valentemente que sofre a mais dura sorte — o cativeiro*».

— Aqui, o autor da carta espraia-se noutras considerações. Passemos à frente — disse o instrutor.

«Se tivésseis visto os nossos pequenos soldados no combate, tê-los-íeis amado, como general, tê-los-íeis admirado, como inimigo.

— E, mais adiante, o capitão diz:

«Senhor Marechal! Se ao tratar-se da França, vós direis:

«*Muitas vezes eu vi oficiais e soldados alemães deter-se silenciosamente, mesmo em território alemão, diante dos monumentos franceses, e experimentei, como eles, — profundo respeito ao pensar nos feitos realizados pelos nossos inimigos e nos sacrifícios que suportaram,* eu estou certo de que não recusareis a justiça devida à 2.ª divisão portuguesa. O exército inglês e o exército alemão não necessitam da honra da divisão portuguesa para conservarem as suas glórias.

«Aceitai, Senhor Marechal, a expressão do meu mais profundo respeito. a) Nuno Álvaro Brandão Antunes, capitão do Grupo de Baterias a Cavalo — Queluz — Portugal.

* * *

— E que respondeu Hindenburgo? — perguntou um escoteiro.

— O velho Marechal respondeu numa carta extraordinàriamente digna. Cá está ela:

«Hannover, 19 de Janeiro 1924.

«Exmo. Senhor Capitão.

«Peço desculpa de ter demorado a resposta à sua carta de 20 de Novembro de 1923. O facto de eu ter de mandar rever o arquivo do nosso estado maior de então, certamente explicará esta demora. Os factos narrados no meu livro baseiam-se nos depoimentos de um oficial inglês prisioneiro e nas informações dadas por oficiais alemães que tinham tomado parte no combate. As investigações, a que desde então se tem procedido, dão, porém, um juízo diferente do comportamento das tropas portuguesas, e não tenho dúvida em declarar o seguinte: No meu livro *Aus meinem Leben* acha-se na narração da batalha do Lys o seguinte período:

«*As tropas portuguesas, na maior parte, retiraram-se do campo da batalha em uma fuga desordenada, renunciando definitivamente ao combate a favor dos seus aliados.*

«Conforme fui informado, esta redacção deve ser modificada. O assalto dos alemães encontrou os portugueses em uma posição pouco favorável, e o progresso do ataque alemão foi mais favorecido por este facto do que por culpa da tropa. Considerando-se as circunstâncias difíceis, a tropa, tanto o oficial como o soldado, bateram-se valentemente. Nas edições novas do meu livro far-se-á igualmente a correspondente rectificação.

«O meu coração de velho soldado regozija-se vendo a nobre atitude com que V. Exª. defende a honra da sua arma. Quanto mais valente é o inimigo tanto mais gloriosa é a vitória sobre o mesmo.

«Saúdo a V. Exª. como camarada e subscrevo-me com toda a consideração.

De V. Ex.º Af.º Vndor.
Von Hindenburgo,
MARECHAL DO EXÉRCITO

* * *

— Então que dizem a este episódio? — perguntou o instrutor.

— Que foram duas atitudes dignas de todo o valor, especialmente a do capitão Brandão Antunes, batendo-se em defesa da honra do seu exército, que o mesmo é dizer, da honra de Portugal!

Manuel Ferreira

★ ● ★

ESCOTISMO NA BEIRA -- MOÇAMBIQUE

DO DONDO

O Grupo do Dondo (em formação) tem realizado vários acampamentos, sendo um deles em Vila de Manica, localidade situada a cerca de 250 Km. do Dondo, numa região montanhosa e cercada de densas florestas, com quedas de água, onde se encontram condições maravilhosas para a salutar prática da vida ao ar livre.

— Nas excelentes instalações da Lusalite, no Dondo, mantém o Grupo desta Vila um acampamento modelo fixo, onde se têm realizado vários acampamentos em conjunto com os escoteiros do C. N. E. da Beira, efectuando-se provas inter-patrulhas, que decorrem sempre com grande animação e espírito escotista.

— No último acampamento, realizado em Março, não foi possível efectuar provas de campo devido às chuvas torrenciais que têm caído, mas realizou-se no palco da sede, a apresentação de uma peça em 1 acto intitulada «O criado distraído», em que participaram rapazes e raparigas do grupo do Dondo. — C.

TERTÚLIA DO CHEFE

Fundamentos do Método Escoteiro

(Continuação)

Deveres para com Deus

Os deveres para com Deus são uma obrigação fundamental que cada escoteiro deve observar com preocupação e sinceridade. Dentro do Movimento Escotista as crenças religiosas de cada um são respeitadas e salvaguardadas e deve encorajar-se o cumprimento integral dos seus deveres para com a sua Igreja, o órgão representativo dessa sua atitude mental, que é a sua religião.

Há escoteiros que dizem não pertencerem a nenhuma confissão religiosa, isso talvez porque os pais ou o ambiente geral em que vivem os conduziram a esse estado de espírito. Para esses mais se deve voltar a nossa afeição para lhes levarmos ideias religiosas, através de prelecções efectuadas nas reuniões dos grupos, onde se ponham em evidência certos aspectos da religiosidade das coisas belas que a natureza nos proporciona. Essa acção deve ser cuidadosamente exercida nesses rapazes de modo a preservar-lhes a liberdade de escolha da confissão para o momento em que tiverem os conhecimentos necessários e sentirem o nascimento dessa necessidade espiritual.

De qualquer modo, o que deve bem frisar-se é que não pode existir um verdadeiro escoteiro que repudie a existência dum Deus, criador das coisas e das criaturas, grande no seu Amor, que tudo abrange e que só quer o progresso das nossas almas — do nosso espírito — com tudo o que daí resulta. É esta fé inquebrantável no nosso progresso e na nossa finalidade na Terra que devemos ir buscar à nossa religião.

Continua

N. da R. — Pede-nos o sr. Eng.º Nobre Santos, Director da Escola Central de Chefes, que esclareçamos que «Fundamentos do Método Escoteiro», cuja publicação iniciámos no último número e hoje prosseguimos, não é trabalho de sua coordenação, mas apenas a tradução do folheto «Fundamentals of the Scout Method» publicado pela Repartição Mundial de Escotismo. Aqui fica a rectificação com o pedido de desculpas pelo lapso.

★ ● ★

FILATELIA

Troca de Selos — Um antigo escoteiro de Angola deseja trocar selos nacionais, novos ou usados, com outro escoteiro ou antigo escoteiro. Resposta a este jornal a J. D. Camacho.

ANTIGOS ESCOTEIROS

«A EMBLEMÁTICA DO ESCOTISMO»
Palestra do Rev. Eduardo Moreira

No dia 23 de Março último, após o habitual jantar da Fraternal dos Antigos Escoteiros, o Rev. Eduardo Moreira, em conversa amena, fez uma palestra sobre «A Emblemática do Escotismo». Começando por dizer que as suas palavras não constituíam, nos escassos dez minutos que se propunha falar, uma lição, solicitou dos presentes a colaboração que entendessem dever dispensar-lhe se, porventura, no seu trabalho alguma coisa faltasse ou omitisse, trabalho esse que constituirá a base de mais fecundo estudo que tenciona levar a cabo.

Prosseguindo, disse que em Filosofia todos os actos da nossa vida têm um grau de fixação e constituem uma divisão que se classifica em Problemática, Temática e Emblemática. Citando o insigne pedagogo Adolfo Coelho, que considerava a linguagem constituída por três elementos—Fonemas, Música e Gestos — o orador dividiu o seu trabalho em três grupos distintos, que classificou do seguinte modo:

a) Gestos, vozes e actos emblemáticos;
b) Objectos e actos a que se dá valor emblemático;
c) Emblemas pròpriamente ditos.

Reportando-se à primeira das classificações, citou a *mão em continência,* o mais forte protegendo o mais fraco, a saudação que traduz disciplina. O *aperto de mão,* calor fraterno entre dois elementos que entre si comunicam o calor da sua amizade nesse cumprimento, gesto de calor e fraternidade que se alarga quando do aperto de mão se passa ao *fogo de campo,* o calor generalizado da fraternidade. Quando estamos tristes — disse —, porque o homem não nasceu para viver isolado, sentimos a necessidade de comunicar a outrem a nossa alegria ou as nossas mágoas. Daí pois, no caso escoteiro, *os clamores, os vozeiros,* que traduzem o escape de alegria.

Entrando seguidamente na segunda classificação, referiu *a barraca,* distintivo da vida campestre, o regresso à natureza, não o regresso à vida primitiva, entenda-se bem, mas o regresso ao contacto com a mãe natura, símbolo da saúde e alegria.

A vara, traduzindo auxílio duplo que presta ao Escoteiro que dela se serve, mas com a qual também pode servir, utilizando-a na maca improvisada.

Referindo-se em seguida ao *chapéu,* disse que ele perpetua no Escoteiro a lembrança terna do feminino, a Madrinha.

O *lenço,* distintivo do Grupo, símbolo do nó da boa acção; *a corda e seus nós o canivete e suas folhas,* símbolos da habilidade.

Analisando seguidamente a terceira das classificações, o orador referiu, com grande vivacidade e brilho, o emblema do Escotismo, a *Flor de Lis,* que vem dos tempos mais recuados de Clovis, nobre cavaleiro e rei francês, símbolo da nobreza antiga, mas para nós, Escoteiros, símbolo da nova nobreza que é o Escotismo; e *a Folha de Trevo* do Escotismo Feminino.

Seguidamente analisou os *Tótemes de patrulha,* simbolizando o novo selvagismo e referiu-se ao artesanato expresso nos distintivos da especialidade.

Ocupando-se da emblemática nacional ou regional e com referências às Quinas de Portugal, sobre as quais declarou tanto haveria a dizer que ultrapassaria o âmbito de uma simples palestra, deu-nos uma admirável interpretação heráldica da cruz fragmentada do escudo de combate de D. Afonso Henriques e dos seus besantes, origem da Cruz das Quinas, para, em seguida, se reportar à Cruz de Cristo, fechando com esta o ciclo da Emblemática Nacional, referindo-se ainda à cruz grega, ao galo francês, à estrada de David e ao crescente muçulmano.

Palmas quentes e prolongadas e um «Para nós és um bom companheiro», entoado pela assistência, premiaram o orador.

Seguidamente o sr. Quintino, dizendo que o orador tinha no começo da sua palestra solicitado a colaboração de todos, pelo que pedia licença para dar a sua e lembrar a interpretação da Flor de Lis, com as três pétalas (os três artigos do compromisso de honra), a agulha da bússola (o norte), o travessão (a amizade), o listão (o nó da boa acção), lembrando ainda pela sua configuração o sorriso do escoteiro.

O sr. dr. Eugénio Ramos, presidente da direcção da Fraternal, agradeceu as palavras do orador e lembrou o interesse que teria que em futuras reuniões da Tertúlia se seguisse o costume da palestra. Aproveitou o ensejo para se referir à assembleia da Fraternal Internacional, que se reúne este ano na Itália e na qual seria interessante os Antigos Escoteiros de Portugal estarem representados.

Por proposta do sr. Ernesto Nascimento foi guardado um minuto de silêncio pelos companheiros falecidos. Foi lido expediente constituído por uma carta do Eng.º Nobre Santos, um telegrama do sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, uma carta dos Escoteiros do Dondo (Beira — Moçambique) com numerosas assinaturas.

Estiveram presentes os companheiros srs. Alfredo Gallis, esposa e filha; Álvaro Correia, esposa e filha; António Augusto da Silva e Cunha, maestro António Gonçalves, Daniel Correia, Rev. Eduardo Moreira e esposa; Eduardo Quintino, Ernesto do Nascimento e esposa; Ernesto de Sousa, dr. Eugénio H. Ramos, Humberto Martins, João H. P. Soares, Jaime Rodrigues Ferreira, Joaquim Lobato, John Westwood (que compareceu apesar de ainda bastante combalido), José Libório Trancoso, Lobito Jorge Alves da Silva, que representava seu pai o Sr. Albano da Silva; José Vasques Filipe, Júlio de Almeida Nogueira, Júlio Rodrigues de Carvalho, Levi Lobato, Luís António dos Santos e esposa, Luís Simões Aurélio e esposa, Mariano Garcia Inácio e esposa, e Wolfgang Karl.

VETERANOS DO GRUPO 1

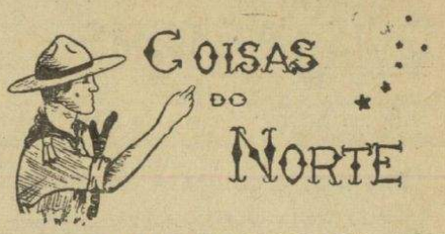
Em 9 de Abril, reuniram-se num jantar de confraternização muitos dos antigos elementos do Grupo 1, para comemorarem a a passagem do 51.º aniversário da fundação deste Grupo, introdutor do Escotismo no Continente Português e um dos fundadores da A. E P.

Estiveram presentes os antigos Chefes Ernesto de Sousa, Humberto Martins, Cosme Vieira Leitão e Albano da Silva, vendo-se também, entre outros, os veteranos Walter John Westwood, Henrique Marques, Alfredo Jorge Gallis, David Baudouin, António Santos Prates, Joaquim Santa Rita, Heitor Borges da Silva, Ruy da Silva Paulo, José Joaquim Duarte Costa e Henrique Alves de Azevedo.

Foi lida uma carta chegada naquele mesmo dia da Beira (Moçambique) do veterano Nascimento de Jesus Freire, que fizera parte da patrulha de que foi guia o sr. Ernesto de Sousa, tendo sido também lidos os telegramas recebidos dos Srs. António Mendes Frazão, ausente naquela data no Porto, e Henrique Alves Casquilho, residente em Coimbra.

Fizeram telefonemas justificando a sua não comparência e enviando as suas saudações os srs. Júlio Santos Trindade; o escritor Mário Domingues e António da Rocha Fonseca.

Ficou aprazado novo encontro no próximo mês de Outubro, nessa altura devendo ser apresentado um projecto para a eventual criação do Núcleo dos Veteranos do Grupo 1. Apreciou-se a actual situação do Grupo 1, pràticamente sem actividade, e encarou-se com o maior interesse a possibilidade de lhe prestar a devida e necessária colaboração.



NOTICIÁRIO REGIONAL

Na habitual reunião mensal dos Chefes dos Grupos da Região Norte, foram trocadas impressões quanto à festa de homenagem a Baden-Powell, que, conforme noticiámos no número anterior, foi coroada do maior êxito. Os Chefes dos Grupos do Norte mostram todos o mesmo entusiasmo por continuar a manter a sua Região em «pé de marcha» com muitas outras actividades. Assim, foi tratado o assunto da próxima actividade escotista que se refere a um «*Raid* a Valongo», sendo neste local realizada uma prova de orientação e observação em «formato de 8», bem como da festa do patrono do escotismo — S. Jorge —, que se realiza no Grupo 44 em Gaia. Será aproveitada a ocasião para o referido Grupo prestar as suas homenagens ao Escoteiro-Chefe António Pinto Moreira, pela passagem do 1.º aniversário da sua morte, que tanto contristou todos aqueles com ele conviveram.

GRUPO N.º 4

A par do entusiasmo verificado pelos Chefes da Região do Norte, tem este Grupo procurado também não descurar os conhecimentos dos seus rapazes e, assim, registamos as seguintes actividades:

CORTEJO DE CARIDADE — No dia 3 de Março último, o Grupo foi convidado a prestar serviço no Cortejo de Oferendas em Oliveira do Douro, na freguesia da Formigosa, a favor da construção de uma escola primária — deixada por acabar pelo falecido Rev.º Pe. Luís — e da Creche daquele lugar. Todos os escoteiros se portaram à altura da sua missão, sendo no final muito elogiados pela Comissão Organizadora daquele Cortejo que, como sócios auxiliares do Grupo, puderam verificar os magníficos serviços que os escoteiros prestam em prol da juventude.

PROVA DE ORIENTAÇÃO E PISTA — Ainda no dia 24 daquele mês, realizou o Grupo uma prova de «orientação» e uma outra de «pista» nas direcções «N» e «O» nas áreas circunvizinhas da sua freguesia num percurso total de 10 quilómetros. Esta actividade decorreu com muita animação e interesse por parte dos aspirantes, podendo estes verificar a importância da bússola e dos sinais de pista de 2.ª e 3.ª classes postos em curso.

ESCOLA DE GINASTICA — No próximo mês de Abril será aberta no Grupo uma «Escola de Ginástica», que terá a colaboração amiga do Sr. Fonseca, digno sargento da G. N. R. e instrutor de ginástica. O citado senhor, amigo particular da Chefia deste Grupo, tudo vai procurar para desenvolver os escoteiros e tirar deles o proveito necessário para os apresentar em festas escotistas com esta nova modalidade, aliás de grande interesse para o desenvolvimento físico.

PROVA DE ESTUDO: — Este Grupo realizou no dia 7 de Abril uma visita de estudo ao Museu de Etnografia e História da Província do Douro Litoral, onde todos, sem excepção, puderam colher bastantes notas biográficas e de costumes, dos Séculos XVIII e XIX — *C.*

DOS AÇORES

Grupo N.º 52—Angra do Heroismo

Boa Acção colectiva do Natal

Pelo décimo ano consecutivo, o Grupo 52, em conjunto com os seus irmãos da «Troop» I-Lajes-dos «Boy Scouts of America», promoveu no dia 22 de Dezembro a Boa Acção anual, com a distribuição de roupas usadas por algumas dezenas de famílias necessitadas.

Almoço de Confraternização

A exemplo do que se fez no ano passado, os elementos do 52 reuniram-se na sede, no Domingo, 23 de Dezembro, num almoço de confraternização.

Usaram da palavra, além do Chefe do Grupo, a Sr.ª D. Maria da Conceição A. Moniz Silva (madrinha de 4 Escoteiros), o secretário do 52, prof. Leopoldino Tavares, o chefe de tribo, int.º, Jorge Gonçalves, e os guias das patrulhas escoteiras.

Confraternização Escotista

Base Aérea N.º 4

Realizou-se no dia 30 de Dezembro, num hangar da Secção de Transportes Portugueses das Lajes, as promessas solenes de vários elementos do Agrupamento CXI do CNE na B. A. 4, seguindo-se a Santa Missa.

Tomaram parte nestes actos, delegações do CNE da Praia da Vitória e Porto Judeu; das Guias de Portugal (Lajes), do «Troop» 1-B. S. A., e do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal.

Agualva

Realizou-se no dia 1 de Janeiro a inauguração dum novo Grupo do CNE na populosa freguesia rural de Agualva, graças a acção de Rev. P. José de Meneses.

Houve desfile, com numerosos elementos do CNE de Agualva, B. A. 4., Praia da Vitória e Porto Judeu e uma delegação do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal. O grupo americano fez-se representar pelo Chefe Blanton e tomaram parte no desfile delegações das Guias de Portugal de Agualva e da B. A. 4.

Seguiu-se uma impressionante Missa Campal durante a qual fizeram promessa elementos do CNE e das Guias de Portugal daquela freguesia.

No salão da sociedade filarmónica local foi servido um lanche.

Jorge Ávila Gonçalves

Partiu para Mafra, onde foi cumprir o seu dever militar, no curso de sargentes milicianos, este dedicado Caminheiro do Grupo 52 que muito acertadamente vem actuando como Chefe de Tribo, interino, daquele Grupo.

Compareceram no cais, além da sua família, o chefe Moniz Silva e vários elementos do Grupo, 52, que apresentaram ao Jorge Gonçalves os melhores votos de felicidades.

Aniversário de Baden-Powell

No dia 22 de Fevereiro, para comemorar o 106.º aniversário do Fundador, realizou-se uma reunião solene, na sede do Grupo 52, durante a qual o Chefe Moniz Silva dirigiu a palavra aos rapazes, aludindo à «extraordinária personalidade de Baden-Powell» e à repercussão mundial do Movimento por ele fundado em 1907.

Reunião Anual dos Lobitos Americanos

Realizou-se a 26 de Fevereiro, no salão Lisboa do Clube de oficiais Americanos da B. A. 4., a Festa Anual dos lobitos da «Pack 1» (Blue and Gold Banquet), com a comparência de 221 pessoas (lobitos, pais, dirigentes e convidados portugueses, os chefes J. R. Moniz Silva, do Grupo 52, e sua esposa; e Vitor H. Fragueiro, do Agrupamento do CNE da B. A. 4, e sua esposa).

Presidiu o Major Deturk (presidente da organização), que dirigiu as cerimónias em conjunto com o Chefe Blanton. Na mesa da presidência viam-se, além destes dois chefes, o General LeBailly, comandante das forças americanas no Açores, o seu filhinho John, a Sr.ª LeBailly; a Sr.ª Johnson (representante da entidade patrocinadora dos Lobitos); o Chefe Moniz Silva e esposa; o Chefe Fragueiro e esposa; o Major Shinn, o capitão Bakas, e os srs. Lewis, MacCready, Cribbs, todos dirigentes da organização escotista americana (Pack-1 BSA).

A festa começou pelo jantar, seguindo-se várias cerimónias e entregas de recompensas a lobitos e dirigentes.

Terminou a actividade, tal como havia sido iniciada, com uma oração, proferida pelo Major Shinn, Capelão-Chefe do Destacamento Americano das Lajes.

O TRABALHO

Eis uns formosos versos dum dos grandes Poetas brasileiros — versos que mereceriam ser cantados:

Tal como a chuva caída
Fecunda a terra no Estio,
Para fecundar a vida
O trabalho se inventou.
Feliz quem pode, orgulhoso,
Dizer: «nunca fui vadio;
E se hoje sou venturoso
Devo ao trabalho o que sou!».

É preciso, desde a infância,
Ir preparando o futuro;
Para chegar à abundância
É preciso trabalhar.
Não nasce a planta perfeita
Não nasce o fruto maduro;
E, para ter a colheita,
É preciso semear.

OLAVO BILAC

Todos nós temos uma razão especial para viver.

Grave este pensamento firmemente em seu cérebro e ve-lo-á afugentar a inveja, uma das emoções mais destruidoras que existem. A inveja gera o ódio, o preconceito, a ambição desenfreada e o rancor, sendo provàvelmente a causa principal do complexo de inferioridade.

CHARLES L. ALLEN

«Jornal-Constituition»
Atlanta — U. S. A.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

Notícias do Escotismo Mundial

Os três países com o maior número de Escoteiros membros são:

E. U. A.	5 000 000 aprox.
Grã-Bretanha	600 000 »
Índia	500 000 »

Os três países europeus com o menor número de membros Escoteiros são:

Lichtenstein	300 aprox.
Irlanda	2 000 »
Islândia	2 000 »

A Índia tem o maior número de Caminheiros cerca de 16 000. Há 144 000 Caminheiros no mundo.

O número total de Escoteiros no Mundo é aproximadamente de 9 milhões e este número tem crescido continuamente desde 1938, em que eram 3,5 milhões. (Estes números dizem respeito ao Escotismo e não conta, portanto, o Guidismo, ou seja o movimento feminino).

Há aproximadamente 60 000 escoteiros-chefes na Grã-Bretanha e 900 000 no mundo.

Excluindo os territórios dependentes, há 73 países com associações escoteiras. A população escoteira pode ser assim distribuída:

América Latina	100 000 escot.
América do Norte	5 500 000 »
Europa	1 400 000 »
Australásia	200 000 »
Ásia	1 500 000 »
África	200 000 »

Depois da Inglaterra, o primeiro país a adoptar o Escotismo foi o Chile.

A Repartição Mundial de Escotismo tem actualmente a sua sede em Otava, Canadá; anteriormente era em Londres.

O Director da mesma Repartição é o Major-General D. C. Spry.

A Comissão Mundial de Escotismo tem 12 membros

A Conferência Mundial reúne-se de dois em dois anos; em 1961 teve a sua reunião em Lisboa; este ano realiza-se na Grécia.

A Suécia tem 6 associações de escoteiros, a Dinamarca duas, a França quatro, a a África do Sul quatro, a Irlanda uma e mais uma (uma reconhecida e outra por reconhecer).

(Extraído de uma publicacação escotista editada pela Assoc. Esc. da Grã-Bretanha-Gilwell Park).

* ● *

É muito comum dizer-se que o País e o Mundo necessitam do Escotismo, mas é necessário recordar que é bom Escotismo que se requer: Escotismo medíocre não é significativamente melhor do que outras formas de mediocridade.

JOHN THURMAN

Director do Campo Escola de Gilwell Park